

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
Pró-Reitoria de Extensão – PROREXT  
Faculdade de Ciências Econômicas – FCE  
Departamento de Economia e Relações Internacionais – DERI

VII Oficina de Estudos Estratégicos (2018/1)  
(Código da Extensão: 36370)

# Clipping

## Choque Externo VI: Oriente Médio

**O que é um clipping?** Trata-se de um conjunto de matérias – extraídas de jornal ou da internet – a cerca de um determinado tema. Serve para reunir e sistematizar dados para debate ou análise.

**Seleção e Apresentação:** José Miguel Quedi Martins      **Editoração:** Valeska Ferrazza Monteiro

### Sumário

[nº] [Data]	Título da Matéria	Pág
[Informes Sobre a Oficina]		p.01
[Apresentação]		p.02
[01] [29/04/18]	Netanyahu diz ter provas de que o Irã tem um programa nuclear secreto	p.03
[02] [02/05/18]	Israel le da motivo a EEUU para una nueva gran guerra	p.05
[03] [30/04/18]	Israel Hits Three Positions Of Syrian Army In Hama and Aleppo	p.07
[04] [30/04/18]	New Israeli Missile Strikes On Syria	p.07

### Informes Sobre a Oficina em 2018

Conforme mencionado no Clipping anterior, este ano da Oficina de Estudos Estratégicos (OEE VIII) funcionará em novo local: Midbar, na Rua Fernandes Vieira, nº 508. Os encontros ocorrerão aos sábados das 9h às 13h a partir do dia 05 de maio.

## **Apresentação do Clipping**

Caso você esteja recebendo esse Clipping pela primeira vez, cabe ressaltar que, como o anterior, esse Clipping foi montado em atenção não somente aos debates da OEE VIII, mas também à disciplina de Análise de Conjuntura Internacional (ECO02084 – Turma A).

O propósito é o de facilitar ao público da Oficina e da Disciplina o acesso a saberes instrumentais ligados às idiossincrasias da atividade prática da análise de conjuntura, do que a saberes formais passíveis de transmissão pelo ensino regular.

O tema deste Clipping, como o título sugere, é o ingresso, em um horizonte predizível de eventos, de um choque externo, que poderá trazer consigo graves consequências para o Brasil.

Como sempre, o ponto de partida do Clipping consiste em responder à pergunta: “Qual o fato mais relevante da conjuntura internacional essa semana?”

Para esses efeitos, tem-se como acontecimentos que eventualmente podem importar para o choque externo, os que seguem:

27/04/18 – Relatório da Câmara dos EUA afirma não haver colusão entre Trump e a Rússia

29/04/18 – Discurso de Netanyahu sobre Programa Nuclear paralelo iraniano. Subida preço petróleo após palestra.

30/04/18 – Ataque israelense à Síria

30/04/18 – EUA confirma entrega de mísseis Javelin para Ucrânia

30/04/18 – Fim da Guerra da Coreia: encontro entre Moon Jae-in (Coreia do Sul) e Kim Jon-un (Coreia do Norte)

30/04/18 – Tsai oferece “ramo de oliveira” à China

1º/05/18 – Japão sediará encontro entre China e Coreia 9 de maio

Essa semana testemunhou um encadeamento incomum de acontecimentos que, em seu conjunto ou mesmo isoladamente, covalidam as percepções que tem orientado a análise de conjuntura até então.

No dia 27 de abril, a Câmara de Representantes (Câmara de Deputados Federais) inocentou Trump das acusações de colusão com a Rússia. Dois dias depois, o Presidente Israelense, Benjamin Netanyahu proferiu discurso denunciando o Programa Nuclear paralelo iraniano, cuja mera existência seria uma violação ao Acordo estabelecido entre o país persa e o Ocidente. No dia seguinte, Forças – supostamente israelenses – desencadearam violento ataque à Síria, cujas explosões secundárias chegaram a produzir terremoto de 2,6 pontos na escala Richter. Como a Síria encontra-se sob a “proteção” da Rússia, fontes ligadas a essa apressaram-se em difundir a versão de que tratou-se de ataque israelense dirigido a supostas bases iranianas na Síria, cuja existência até então o próprio Ministro da Defesa de Israel, Avigdor Lieberman, havia empenhado-se em refutar. Afinal, Putin havia advertido que não toleraria um ataque de Israel a embasamentos das Forças Armadas Sírias. Assim, após a suposta autorização ao ataque da OTAN à Síria, um ataque israelense

do mesmo tipo significaria uma enorme perda de prestígio aos russos.

A sugestão óbvia é de que pode haver um jogo de dois níveis envolvendo o arrefecimento da ofensiva contra Presidência nos EUA e a disposição destes em romper o Acordo Nuclear com o Irã e, na sequência, permitir que Israel ataque o Irã ou até mesmo tomar parte nele.

O que há de relevante, além da confirmação indireta sobre a existência de bases iranianas na Síria – graciosamente fornecida pelos apoiadores da Rússia (South Front e Naval Brasil) – é a afirmação de Netanyahu de que o Irã possuiria até cinco artefatos nucleares de rendimento de 10ktons em condição de emprego ou em vias de tornarem-se operacionais. Desse modo, o Ministro da Defesa Avigdor Lieberman perde espaço no Parlamento Israelense frente ao Primeiro-Ministro (que sempre sustentou a existência de bases iranianas na Síria), restando o consenso de que a existência das bases seria um *casus belli* para a guerra de Israel contra a Síria. O que necessariamente traz consigo implicações no que tange ao Líbano e ao Hezbollah.

Este cenário seria suficiente para constituir condições para o choque externo. Mas, não é tudo. As presumidas ogivas iranianas materializam um alvo e, implicitamente requisitam um perfil de missão, dando um estatuto de urgência baseado numa ameaça existencial à Israel. Nesse caso, o perfil mais provável é o já desenhado em Clippings anteriores (OEE 2017/2): uma versão mais pesada da El Dorado Canyon movida contra Líbia em 1986 – e já então utilizada como modelo de “diplomacia coercitiva” por parte do Senador Tom Cotton. Este juntamente ao Vice-Presidente Mike Pence, ao Secretário de Estado Mike Pompeo e o Assessor de Segurança Nacional John Bolton constituem no governo o lobby favorável à Guerra contra o Irã. Se no caso de uma confrontação de Israel com a Síria e o Líbano é justo que parem dúvidas acerca de seu impacto na economia mundial – afinal isso dependeria da escala da conflagração, que não é obviamente predizível –, o mesmo não ocorre com uma confrontação de Israel ou dos EUA contra o Irã – qualquer que seja a escala. Essa perspectiva é confirmada pelo aumento do preço do petróleo logo após o discurso de Natanyahu.

A título de conclusão, cumpre retomar o método: inspirado na Grande Crise. Dos componentes presentes do primeiro choque (1979), já tinha-se presente uma mudança institucional (a ascensão do Petroyuan), um elemento de transição tecnológica (em 1979 a transição para a III Revolução Industrial e, desta feita, a passagem para sua segunda fase), permanecia ausente a Guerra Local. Esta, na ocasião, foi dada pela Guerra Irã Iraque (1979-1988). Caso se confirme as expectativas acerca da confrontação com Irã – qualquer que seja seu ritmo ou escala – é razoável predizer que abre-se uma confrontação de larga duração em tudo comparável àquela. Completa-se, desse modo, o quadro previsto originalmente envolvendo a possibilidade do choque externo, que deixa de ser uma possibilidade colocada no horizonte e torna-se um evento de predizível eclosão.

Naturalmente, o *timing* e a intensidade do choque dependem de outros fatores, entre os quais, a evolução da situação internacional nas outras frentes basilares na Europa e na Ásia, das quais se trata nos próximos Clippings.

oo

<http://navalbrasil.com/netanyahu-diz-ter-provas-de-que-o-ira-tem-um-programa-nuclear-secreto/>  
**Netanyahu diz ter provas de que o Irã tem um programa nuclear secreto**

El Pais/"Via" navalbrasil.com

Depois de convocar uma reunião de emergência do Gabinete de Segurança israelense, órgão governamental que toma as decisões mais relevantes em matéria de defesa, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu se dirigiu neste domingo à nação pela televisão, falando da sede do Ministério da Defesa em Tel Aviv, para garantir que conta com provas de que o regime do Irã mantém um programa atômico secreto. Abandonando o desenho simples de uma bomba prestes a explodir que apresentou na ONU em 2012, ele fez uma estudada apresentação audiovisual pontilhada de grandes proclamas e detalhes técnicos. Netanyahu mostrou arquivos físicos e digitais obtidos pelos serviços de inteligência israelenses que, segundo disse, confirmam que Teerã “mentiu sobre seu compromisso com o acordo nuclear firmado em 2015”.

O chefe do Governo israelense disse que estava apresentando documentos “idênticos aos reais” conseguidos pelos serviços de inteligência israelenses depois de terem se infiltrado nos arquivos secretos iranianos com a finalidade de demonstrar que o Irã está enganando o restante do mundo. A informação foi compartilhada por Israel com a Casa Branca e com altos funcionários da segurança da França e do Reino Unido. “Agora os Estados Unidos têm a palavra para salvaguardar a paz no mundo”, concluiu Netanyahu.

Um ataque com mísseis contra duas bases sírias que contam com presença militar iraniana causou neste domingo pelo menos 26 mortos, incluindo combatentes do Irã e de suas forças aliadas, segundo o Observatório Sírio para os Direitos Humanos, ONG independente que documenta as atividades bélicas na guerra civil no país árabe. O Exército sírio atribuiu “a agressão” contra suas instalações nas províncias de Hama (centro) e Aleppo (norte) ao “inimigo”, em uma clara alusão a Israel. A agência de notícias ISNA informou em Teerã que 18 dos mortos no ataque eram combatentes iranianos, embora posteriormente a agência semioficial Tasnim tenha negado a existência de vítimas do país.

O ataque com mísseis contra a Síria ocorreu depois da conversa telefônica que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, manteve no domingo com Netanyahu. A Casa Branca especificou que os dois líderes falaram sobre as ameaças que pairam no Oriente Médio, e em particular sobre a expansão militar iraniana na região. Netanyahu recebeu também no domingo em Tel Aviv o novo secretário de Estado norte-americano, Mike Pompeo, que realiza sua primeira visita à Arábia Saudita, Israel e Jordânia. “Estamos com Israel nesta luta. Uma estreita cooperação com aliados sólidos é a chave para contra-atacar as malignas ambições do Irã”, declarou o ex-diretor da CIA.

A mídia estatal de Damasco não relatou as baixas registradas nos ataques contra a base da Brigada 47 em Salhab (Hama) nem contra o aeródromo militar de Nairab, perto do aeroporto de Aleppo. A rede Sky News Arabia elevou para 40 a cifra de mortos em ambos os bombardeios com mísseis, que causaram também mais de 60 feridos, segundo fontes da oposição ao regime. Testemunhas citadas pelo Observatório Sírio para os Direitos Humanos informaram que houve grandes explosões e incêndios na instalação militar síria em Hama.

Nas duas bases que foram alvo dos mísseis existem depósitos de armamento que incluem foguetes terra-terra, sob controle da Guarda Revolucionária do Irã, envolvida no conflito sírio em apoio ao regime do presidente Bashar Al-Assad. Os ataques incluíram presumivelmente o uso de mísseis antibunker, de alta capacidade de penetração explosiva, para destruir um grande arsenal subterrâneo de mísseis em Hama, de acordo com informações da imprensa árabe recolhidas pelo diário israelense Haaretz. O Centro Sismológico Euro-Mediterrâneo registrou um tremor de magnitude 2.6 na escala Richter na zona atacada.

Assad denunciou em Damasco “a escalada de agressões contra a Síria”, sem aludir aos ataques

registrados em Hama e Aleppo, depois de sucessivas incursões de represália e o bombardeio ocidental de 14 de abril contra instalações ligadas ao programa sírio de armas químicas. “O mapa regional está sendo desenhado de novo”, afirmou o presidente, e as potências hostis passaram da fase da “agressão indireta”, por meio dos rebeldes, para a da “agressão direta”, disse.

Israel não costuma comentar as suas operações militares no exterior. O ministro de Assuntos Estratégicos, Israel Katz, declarou nesta segunda-feira à Rádio do Exército que não estava a par dos fatos. Um ataque com mísseis contra a base aérea T-4 –situada na província central de Homs, em 9 de abril –e atribuído por Moscou e Damasco a Israel–, deixou 14 mortos, metade deles membros da Guarda Revolucionária Iraniana.

O ministro da Defesa israelense, Avigdor Lieberman, havia avisado no domingo que Israel iria “responder com grande força” a qualquer ameaça a seu território. Lieberman também alertou que não iria tolerar a instalação de sistemas antiaéreos de mísseis S-300 de fabricação russa nas bases sírias. A aviação de combate israelense se encontra em estado de alerta ante um eventual ataque de represália do Irã depois das duas supostas incursões aéreas que causaram baixas na Guarda Revolucionária, seus aliados libaneses do Hezbollah e milícias xiitas iraquianas e afegãs que combatem nas fileiras do regime de Assad.

Os serviços de inteligência de Israel temem que o ataque punitivo possa ocorrer depois das eleições previstas no Líbano em 6 de maio, ou ao término do prazo de 12 de maio fixado pela Casa Branca para decidir sobre o futuro acordo nuclear com o Irã, assinado em 2015. Uma escalada da tensão entre Israel e Irã pode levar a Administração do presidente Trump a antecipar sua previsível decisão de retirar-se do pacto atômico.

A Força Aérea israelense realizou mais de uma centena de incursões em território sírio desde o início da guerra, em sua maioria contra depósitos e comboios de armas da guerrilha libanesa do Hezbollah. Israel reconheceu que atacou o aeródromo militar T-4 em fevereiro, em represália pela infiltração de um drone em seu espaço aéreo. No incidente mais grave em que o Estado hebreu se viu implicado em sete anos de conflito civil no vizinho país árabe, a aviação militar israelense bombardeou com oito F-16 uma base de drones iranianos. Um dos caças foi derrubado pela defesa antiaérea síria, mas seus dois tripulantes se puseram a salvo.

Israel continua tecnicamente em estado de guerra com a Síria desde que em 1949 selou um armistício com os países árabes que tentaram impedir à força a criação do Estado judaico. A situação de conflito sem hostilidades se manteve depois da Guerra dos Seis Dias (1967) e do Yom Kipur (1973), em que Damasco tentou sem êxito recuperar as Colinas do Golã, posteriormente anexadas por Israel, sem aprovação internacional.

oo

<https://sptnkne.ws/hyeN>

**Israel le da motivo a EEUU para una nueva gran guerra**

Sputnik  
02.05.2018

El primer ministro israelí Benjamín Netanyahu hizo estallar una poderosa bomba política e informativa al presentar los documentos sobre el supuesto programa nuclear de Irán. No obstante, según Alksnis, columnista de Sputnik, el contenido de estos papeles no tiene gran importancia, más

bien son un motivo para que EEUU de pie a una nueva gran guerra.

De acuerdo con Netanyahu, hace unas semanas los servicios de inteligencia de Israel se apropiaron de media tonelada de materiales, entre ellos miles de páginas de documentos, que supuestamente prueban la existencia en Irán del llamado proyecto 'Amad'.

Netanyahu aseguró que después de la firma del convenio sobre su programa nuclear, el país persa conservó para el futuro los resultados de sus investigaciones en la esfera del uso militar del átomo.

"Los documentos presentados por Israel no tienen gran importancia, porque en la situación actual, los hechos y la verdad como tales no influyen en las decisiones de ciertos países occidentales", señala Alksnis.

En este contexto, la autora recordó que EEUU, Francia y el Reino Unido atacaron a Siria sin presentar pruebas reales de la presencia de armas químicas. Tampoco hubo evidencias de la culpa de Rusia en el caso Skripal, pero eso no les impidió a varios países acusarla.

Por lo tanto, la autora ironiza que de la misma manera "Benjamín Netanyahu podría presentar un tubo con una sustancia luminosa y decir que es uranio extraído por la inteligencia israelí en las entrañas de una instalación secreta iraní donde se están desarrollando armas nucleares".

"La intriga de toda esta historia es otra: si Washington podrá presionar a las capitales europeas para que abandonen el acuerdo iraní", explica la periodista.

El abandono del acuerdo nuclear iraní es una de las prioridades de Donald Trump y su Administración. El presidente estadounidense calificó reiteradamente de inútil este acuerdo, considerado como uno de los principales logros de la política exterior de Barack Obama, y prometió declarar su decisión final al respecto el 12 de mayo.

El primer ministro israelí destacó que compartió la información sobre el proyecto 'Amad' con Trump, para que este pudiera tomar una "decisión correcta" sobre el acuerdo con Teherán.

Mientras tanto, la agenda de reuniones entre Trump y los jefes de Estado de Francia y Alemania, estaba dedicada en gran medida a este tema. Washington está impulsando la eliminación del acuerdo, pero las potencias europeas se resisten, al igual que Rusia.

"Europa, de hecho, es el principal obstáculo en el camino de Trump, y las visitas de Macron y Merkel no les hicieron cambiar su posición. Europa se opone rotundamente a sacrificarse en nombre de salvar la economía estadounidense".

Según la autora, los recientes eventos muestran claramente unos cambios a gran escala en las relaciones entre EEUU y Europa.

Los europeos muestran su total solidaridad con Washington en temas poco relevantes para ellos, como el ataque contra Siria, pero logra con éxito lo suyo en asuntos que realmente les importan, como el Nord Stream 2.

"El acuerdo nuclear iraní es un tema realmente importante para Europa, puesto que detrás del pacto hay contratos multimillonarios con Teherán e intereses de grandes empresas europeas".

Por lo tanto, sin duda, la información promulgada por Benjamín Netanyahu será utilizada al máximo por Washington con el fin de obtener de Europa el apoyo para acabar con el acuerdo con Irán. Pero, en realidad, su contenido no le importa a nadie y se utilizará solo como pretexto para tomar cierta decisión y desatar una nueva gran guerra.

"En consecuencia, la pregunta más interesante es la siguiente: ¿logrará Estados Unidos alcanzar sus metas con sus socios europeos? Porque si no, significará que el mundo finalmente ha entrado en una nueva era", concluye la autora.

oo

<https://southfront.org/breaking-israel-hits-three-positions-of-the-syrian-army-in-hama-and-aleppo-video/>

**Israel Hits Three Positions Of Syrian Army In Hama and Aleppo**

southfront  
30.04.2018

On April 29, an unnamed source of the Syrian Arab Army (SAA) told the Syrian Arab News Agency (SANA) that several military positions of the SAA in Hama and Aleppo governorates were targeted. However, the source didn't identify the side responsible for attacks.

Syrian pro-government sources said that the military positions that were targeted are the 47th Brigade ammo depot east of the city of Hama, the Fire Fighters Center in the western Hama countryside and a military position around Aleppo Airport.

All three positions are known to be bases of the Iranian Islamic Revolutionary Guard Corps (IRGC) and different Iranian-backed armed groups. According to Syrian opposition sources, several Iranian servicemembers were killed in the strikes.

All of the available facts suggest that Israel was behind these strikes. The Israeli Air Force used a similar tactic to target a position of the IRGC in Syria's T4 airbase on April 9. Since then, several Israel officials have threatened that they will continue to attack the Iranian bases in Syria.

oo

<https://southfront.org/new-israeli-missile-strike-on-syria-locations-details-casualties/>

**New Israeli Missile Strikes On Syria (Locations, Details, Casualties)**

southfront  
30.04.2018

Last night, a new round of missile strikes hit positions of pro-government forces in Syria. According to pro-government sources, the strikes were carried out by the Israeli military and hit three targets: (1) the 47th Brigade ammo depot east of the city of Hama; (2) the Fire Fighters Center in the western Hama countryside; (3) a military position around Aleppo Airport.

According to local sources, all these positions were belonging to Iranian-backed armed groups and the Iranian Islamic Revolutionary Guard Corps (IRGC). Different sources say that 26-46 members of Iranian-backed forces and even Iranian servicemembers were killed in the attacks. The Iranian

media rejects reports about casualties about Iranian personnel deployed in the country.

A major part of the casualties was reportedly caused by an explosion of the ammo depot in Hama:

On April 30 morning, the pro-Hezbollah Lebanese TV channel Al Mayadeen reported citing a commander in Liwa Fatemiyoun (an Iranian-backed group operating in Syria) that no missiles had hit Liwa Fatemiyoun positions near Aleppo Airport.

According to the Liwa Fatemiyoun commander, “the military facility is not damaged, there are no casualties among the personnel.”

The number of the fired missiles, according to Syrian sources:

7-8 missiles were used in the area of Hama;  
5 missiles were used in the area of Aleppo.

There are also reports about some surface-to-surface missiles fired from Jordan. However, these are unconfirmed rumors.

The Israeli Defense Forces (IDF) rejected to confirm that the Israeli military had been behind the last night missile strikes. This is a common media approach by the Israeli military.

Earlier in April, the IDF also rejected to confirm that its forces had carried out the April 9 missile strike on Syria’s T4 airbase. However, all the following activity of the IDF and Israeli leadership clearly showed that the strikes were carried out by Israel.

It’s important to note that the recent missile strikes took place amid important developments in eastern Idlib and southern Damascus:

Some pro-government experts and activists described the strikes as an attempt to undermine the reached evacuation deals.

On April 26, Israel Defense Minister Avigdor Lieberman threatened Iranian forces and bases in Syria with new attacks and said that “the Iranian regime is in its final days and will soon collapse“.